

Frelimo será guia da Universidade

L LOURENÇO MARQUES, 17 (Do nosso correspondente Areosa Pena) — O professor Fernando Ganhão, novo reitor da Universidade de Lourenço Marques, e velho militante da Frelimo afirmou, em síntese, numa entrevista de cinco mil palavras, concedida ao repórter do «Notícias», António Souto: «A luta política certamente existirá, é inevitável que surjam, opiniões públicas diferentes dentro da Universidade. Todos os vícios do passado não se apagam da mesma forma que um traço de lápis em papel com uma borracha. Esperamos essa luta, mas com um desenvolvimento de um trabalho revolucionário em todos os aspectos. Perder-se-ão, na maioria dos casos, todos esses vícios acumulados durante o passado.

«Nesta fase de independência e euforia, em que todas as pessoas se sentem disponíveis ainda não é muito fácil suprimir esses vícios. Mas na altura em que o trabalho começa a ser organizado a uma grande escala e em que esta tarefa de reconstrução exigir uma supressão radical desses vícios e não apelar, como neste mo-

mento, para a boa vontade das pessoas, haverá problemas que realmente vão reconhecer haverá elementos que realmente vão reconhecer que não era isso o que eles pensavam da revolução, no entanto, é natural que a juventude tenha a sua ideia própria acerca da revolução, mas a revolução só pode ser a que é orientada pela Frelimo. É a Frelimo que, necessariamente terá de ser a vanguarda na criação duma sociedade justa e os estudantes mesmo terão de se integrar nas estruturas estudantis da «frente» que se formarem no futuro nas suas escolas ou nos locais de trabalho.

«O conceito de Universidade autónoma e independente é impossível. Isto está intimamente ligado a um determinado sistema socioeconómico e político que não pode funcionar num país que está a construir uma via revolucionária. E não se pode permitir que uma determinada organização absorva verbas extraordinárias e esteja a dar a sua orientação independente. Esta orientação tem de ser dirigida pelas necessidades do povo e só ela estando realmente dentro desse processo impulsionado pelas massas populares através do partido pode participar no processo revolucionário. Permitir que uma Universidade se isole, se enclastre, fique anquilosada em determinados princípios para defender determinadas tradições de pseudo-independência não creio que seja compatível com a vida revolucionária.»

A Capital (Lx)

17/1/75